

Eles guardam com paixão as chaves da Rota do Românico

São os zeladores que vigiam monumentos. Cuidam de legados e histórias do roteiro no Vale do Sousa e Tâmega. Conselho da Europa promove itinerários de Amarante e Penafiel

António Orlando
locais@jn.pt

HERANÇA Dona Rosinha zela há 44 anos pela igreja do mosteiro de Travanca, em Amarante. Manuel Dias faz o mesmo há 50 anos na igreja de Boelhe, em Penafiel. A troca de nada, são cuidadores deste património arquitetónico e religioso, edificado e imaterial. É à custa destas mulheres e homens que a Rota do Românico venceu o concurso “Histórias do Património Europeu 2020”, promovido pelo Conselho da Europa e pela Comissão Europeia.

O concurso, que se realiza anualmente, desde 2018 (Ano Europeu do Património Cultural), reúne testemunhos de cidadãos e comunidades, com a missão de aumentar o conhecimento da herança cultural da Europa, reforçando o sentimento de pertença a um espaço europeu comum.

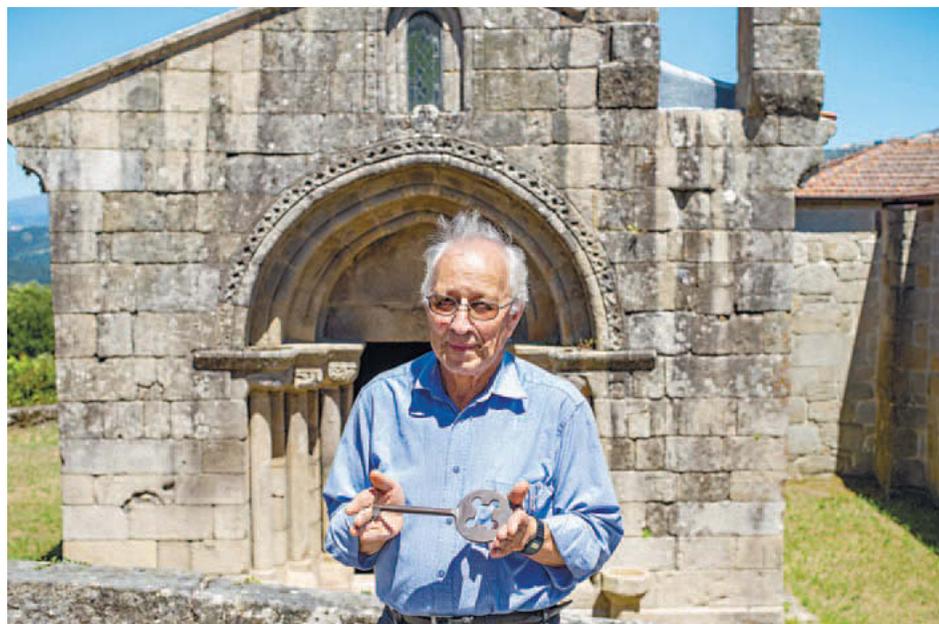
Atualmente, a Rota do Românico beneficia da ajuda de 44 cuidadores do património, distribuídos pelas diversas capelas, igrejas e mosteiros do itinerário de visita. São pessoas que, orgulhosamente, guardam, vigiam e partilham as histórias do seu monumento, num verdadeiro compromisso de vida, pessoal e familiar.

VÊM DE TODO O MUNDO

Dona Rosinha, que o cartão de cidadão identifica como Maria Rosa Carvalho, nasceu praticamente no local que vigia religiosamente desde que o pai a convenceu a fazer o que a avó paterna fez durante anos a fio: cuidar da igreja do mosteiro. “Ao princípio, não queria, mas ele convenceu-me quando me disse que o tempo que a minha avó perdeu aqui nunca lhe fez falta. Isto



Dona Rosinha zela pelo mosteiro de Travanca há mais de quatro décadas



O professor Manuel Dias guarda a chave da igreja de Boelhe

passou a fazer parte da minha vida”, conta.

Lavar e passar a ferro as toalhas do altar e “assear” com flores a igreja construída no século XIII são algumas das tarefas que cumpre e às quais junta as de guardiã da igreja e mosteiro.

Precavida, tranca tudo, “não vá alguém esconder-se aqui dentro”, justifica. Da memória não lhe sai o roubo da chave original do mosteiro: “Fiquei muito triste”. Terá sido durante a visita de uma excursão.

CUIDADOS

Perigo de assalto

Os monumentos da Rota do Românico estão, regra geral, em locais isolados. Se há templos cujo valor reside “apenas” na arquitetura do espaço, há outros com recheio de valor incalculável.

Trabalho pro bono

Zeladores fazem o trabalho de forma graciosa.

No final do ano, por altura do Natal, é habitual receberem um reconhecimento da Rota do Românico.

Indiferença

Se há quem passe horas a admirar o património, também há, para desgosto dos zeladores, muita indiferença de quem se limite a passar de fugida.

Mais agradável é a visita de pessoas de todo o Mundo. Por exemplo, a de “um senhor israelita”, que já visitou o mosteiro três vezes, “para ver uma pedra que diz alguma coisa”. No caso, trata-se de uma espécie de cubo em granito, com uma pequena gravura, que suporta uma coluna na entrada do altar.

A 25 quilómetros de Travanca, em Boelhe, Penafiel, o professor Manuel Dias, depois de uma vida a ensinar o bê-á-bá aos conterrâneos, repartida com a atividade de diácono, guarda a chave da igreja românica à espera que os turistas visitem o monumento do século XII, definido como “uma das mais conseguidas expressões decorativas do românico rural”.

MUITAS EXCURSÕES

“Os locais, para pena minha, não ligam a isto [arte românica] e admiram-se que venham excursões de todo lado para ver a velha igreja de Boelhe”, afirma o professor, sem esconder alguma frustração.

Manuel Dias já conta meio século como cuidador da igreja de Boelhe. “É um compromisso de nada - porque se der aí a chave ninguém a quer; e de tudo - porque pelo menos deu movimento a isto. Estimo e procuro mostrar”, ressalva. Fá-lo com cuidado, “porque pode aparecer alguém que saiba mais do que eu”, graceja.

Certezas, só existem as do professor Dias. Nas excursões, regra geral, há um guia, “mas o que nunca ouvi foi uma explicação para as pedras pretas”, que estão numa das paredes junto ao altar e que ninguém consegue branquear. “Para mim, o preto é resultado do fumo do sebo que outrora alimentava a mecha dos candeeiros”, diz o zelador da igreja de Boelhe. ●

Novo serviço ajuda a tomar remédios de forma correta

Águeda pioneira na adesão a programa

SAÚDE A Câmara de Águeda assinou um protocolo com a Associação Nacional de Farmácias (ANF) e a Associação Dignidade, tornando-se o primeiro município do país a implementar um serviço de preparação individualizada e personalizada de medicação.

O serviço estará disponível nas farmácias aderentes. Pretende reduzir erros de administração de medicação prescrita devido a confusão, duplicação ou esquecimento, tornando a toma mais segura e efetiva. Para isso, recorre a um dispositivo de múltiplos compartimentos que permite organizar os comprimidos e demais medicamentos.

Paulo Jorge Cleto Duarte, presidente da ANF, acredita que desta forma será minimizado um “dos maiores problemas de saúde pública a nível global, que é a não adesão à terapêutica ou tomar muitos medicamentos errados na altura errada”.

“APLANAR DESIGUALDADES” Maria de Belém Roseira, procuradora da direção da Dignidade e antiga ministra da Saúde, realça que “as pessoas, muitas vezes, não têm grande capacidade, nem ensinamentos ou qualificação para perceber a gestão dos medicamentos” e este projeto permite “aplanar sobretudo a curva da pobreza e das desigualdades”.

A Câmara também aderiu ao Programa Abem, da Dignidade, uma rede solidária do medicamento que pretende ajudar as pessoas carenciadas a terem acesso aos medicamentos de que necessitam. O presidente da Câmara de Águeda, Jorge Almeida, congratulou-se com as iniciativas, que ajudarão a população a ter “acesso à medicação, de forma correta”. ● ZULAY COSTA